

- OBERMEIER, F. Documentos sobre a Colônia do Maranhão (1612-1615). In: COSTA, W. C. da. (Org.) *História do Maranhão: novos estudos*. São Luís: Edufma, 2004, p. 33-49.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Vinte luas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- PRATT, M. L. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.
- RAMINELLI, R. Viagens e inventários: tipologia para o período colonial. *História: Questões e Debates*, Curitiba, n. 32, jan./jun., p. 27-46. 2000.

## O LEIGO CATÓLICO NO MOVIMENTO CARISMÁTICO EM BELÉM, PARÁ\*

Raymundo Heraldo Maués

*Departamento de Antropologia/UFPA/CNPq*

Tendo trabalhado inicialmente com catolicismo popular, entre populações rurais e de origem rural do litoral paraense, minha atenção foi despertada fortemente para o comportamento e as atitudes do leigo atuante na Renovação Carismática Católica (RCC) em Belém, Pará. Essa categoria de leigo, ao contrário do leigo no catolicismo popular rural, impressiona pelo intenso engajamento nas atividades da Igreja, consumindo nisso uma parte bastante considerável de seu tempo livre.

Em um dos casos observados mais detidamente, o de Antônio, de 35 anos, nível de instrução superior incompleto<sup>1</sup>, encontrei um profissional que possui uma pequena empresa, onde trabalha de segunda a sexta, no horário comercial, com ajuda de sua esposa, além de ficar à disposição dos clientes com um telefone celular em outros horários. Seu tempo livre, a partir de sete e meia da noite, é dedicado à Igreja, até por volta de dez horas, exceto nas segundas, sábados e domingos. Segunda à noite (dia em que me recebeu certa vez em sua casa, para uma longa entrevista), é sua única noite de folga nos dias de semana. Terça-feira, ele coordena um grupo de oração, que se reúne de oito às dez da noite. Na quarta, participa de outro grupo de oração, que se reúne no prédio de apartamentos onde mora<sup>2</sup>. Na quinta, dirige a reunião semanal do núcleo do grupo de oração que coordena às terças-feiras. Na sexta, coordena a reunião de um outro grupo de oração, em área de invasão num bairro periférico da Grande Belém, a Cidade Nova (no Município de Ananindeua), que é uma extensão do mesmo grupo que se reúne às terças. No sábado, sua atividade é quase inteiramente dedicada à Igreja: sai, pela manhã, com outros companheiros, pelas feiras e supermercados,

---

\* Artigo apresentado originalmente no Grupo de Trabalho (GT) "Religião e Sociedade", durante o XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), realizado em Caxambu/MG, de 27 a 31 de outubro de 1998. Para esta publicação, o texto foi reformulado tendo em vista as contribuições proporcionadas pela discussão do mesmo, na ocasião do encontro, e a minha experiência na continuação da pesquisa sobre o movimento carismático. Desejo agradecer, neste momento, as contribuições de por Maria Helena Concone, coordenadora do GT na ANPOCS e debatedora do artigo naquela reunião, bem como as observações feitas, na ocasião, por Pedro Ribeiro de Oliveira.

com o objetivo de angariar gêneros (geralmente legumes não aproveitáveis para a venda), que são usados para preparar a sopa a ser distribuída aos mendigos na noite desse mesmo dia e na madrugada de domingo; à tarde, participa ativamente da preparação dessa sopa, sobretudo na atividade de supervisão do trabalho, que é feito por mulheres, até por volta de oito horas da noite, quando retorna a sua residência. Ele não participa da distribuição da sopa, o que é feito a partir das dez horas da noite por uma outra equipe que não participou da preparação do alimento. O domingo é seu dia de “folga”, pois, normalmente, só participa da missa. A essas atividades somam-se reuniões mensais do Conselho Arquidiocesano do movimento carismático, que funciona na Arquidiocese de Belém, do qual é membro efetivo, além de outras, eventuais, que podem ocorrer no mês.

Claro que se trata, no caso apresentado, de um leigo mais engajado do que a maioria, mas não de um caso tão raro: há vários leigos no Movimento de Renovação Carismática Católica, em Belém, de ambos os sexos, que desenvolvem atividades tão intensas quanto as de Antônio. Um dos casais entrevistados declarou, enfaticamente, que os dois costumavam ser censurados pelos amigos e parentes, os quais diziam que eles “não melhoravam de vida” por causa de seu engajamento excessivo nas atividades da Igreja; apesar disso, o casal não se importava, pois vivia feliz e não estava de fato à procura de bens materiais.

A observação do intenso engajamento dos leigos carismáticos, que salta aos olhos, levou-me a conceber a necessidade deste trabalho, que visa a descrever e analisar mais detidamente o papel do leigo na RCC em Belém, até o ponto em que foi possível perceber esse papel. Acrescente-se a isso o fato de que, na literatura antropológica e/ou sociológica até agora existente no Brasil sobre Renovação Carismática, não parece existir – salvo desconhecimento meu – qualquer trabalho que trate especificamente sobre o papel do leigo nesse movimento (cf., entre outros, BARROS JUNIOR, 1993; CARRANZA, 2000; MACHADO, 1996; MACHADO e MARIZ, 1997; MARIZ e MACHADO, 1994; RIBEIRO de OLIVEIRA *et al.*, 1978 e PRANDI, 1997). O leigo, como é bem conhecido, desempenha um papel muito importante na Igreja Católica e, há poucos anos, em reunião da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Itaici, isso ficou bem evidenciado pelo tema central escolhido – “Missão e ministérios dos leigos” – e pelo

importante documento aprovado – “Missão e Ministérios dos Leigos e Leigas Cristãos” (cf. CNBB, 1998 b).

Neste artigo, depois de tentar uma comparação, de caráter genérico, entre o leigo no catolicismo popular e no movimento carismático, procuro examinar os principais traços distintivos do leigo carismático, começando com o processo de “conversão”<sup>3</sup> por que passa o indivíduo para ingressar na RCC. Em seguida, examino os diferentes tipos de atividades do leigo carismático (com ênfase para as de culto, o exercício dos diversos “dons”, as pastorais em que ele se engaja, as atividades mais explicitamente sociais, bem como as de coordenação e direção). O exame se completa com as visões do leigo carismático a respeito de si mesmo e a respeito dos “outros” (leigos católicos não carismáticos, sacerdotes católicos, “protestantes” e membros de outras religiões, como umbanda, espiritismo etc.). É uma breve etnografia do leigo carismático em Belém, Pará, com o objetivo de entender parcialmente a figura do leigo católico, tomando como foco privilegiado um dos mais importantes movimentos eclesiais do catolicismo na atualidade.

O trabalho é parte de uma pesquisa mais vasta, já concluída, que visava a fazer um estudo antropológico sobre a RCC em Belém. A investigação de campo teve início efetivo em maio de 1997, com a observação de reuniões do grupo de oração “Glória no Senhor”, que se reúne às terças-feiras à tarde, na Basílica de Nazaré, sede da paróquia de Nazaré, dirigida pelos padres barnabitas, em Belém, bem como das “missas de cura”, realizadas também nessa igreja, nas primeiras sextas-feiras de cada mês, a partir de sete horas da noite. A pesquisa foi feita com a colaboração de vários bolsistas de iniciação científica e de mestrado<sup>4</sup>.

À medida que o trabalho foi se desenvolvendo, as tarefas foram divididas da seguinte forma: pessoalmente, fiquei acompanhando as reuniões do grupo “Sagrada Família de Nazaré”, que pertencia ao chamado Projeto Ágape, mais diretamente ligado à coordenação arquidiocesana da RCC em Belém, que tinha como finalidade congregar as famílias. Posteriormente, tendo se desfeito esse grupo, passei a acompanhar um outro, numa paróquia de bairro periférico da cidade. Os estudantes participantes da pesquisa acompanharam vários grupos de oração, comunidades carismáticas e o principal ministério de cura de Belém, na paróquia de São José de Queluz.

## COMPARAÇÃO INICIAL ENTRE OS DOIS TIPOS DE LEIGOS

*O leigo no catolicismo popular*

O leigo, no catolicismo popular, segundo a experiência de pesquisa que tive anteriormente, caracteriza-se, em primeiro lugar, pela falta de conhecimento da doutrina católica. Aliado a isso, nenhum conhecimento de teologia e desinteresse pelos estudos bíblicos<sup>5</sup>. Sua atitude religiosa é não proselitista, desde que concebe, de modo geral, o catolicismo como religião *natural* dos seres humanos; não obstante, o que pensa como catolicismo nem sempre poderia ser assim considerado por um sacerdote – ou por um leigo carismático –, especialmente se possuir uma tendência mais ortodoxa. Some-se a isso sua tendência acentuada para um consumo religioso autônomo, tendo dificuldade de aceitar o monopólio dos bens simbólicos que, segundo Bourdieu (1974), tende a ser exercido pelo sacerdote.

Esse tipo de leigo não é excluído de consideração; pelo contrário, constitui-se num auxiliar (quase) imprescindível para o exercício das atividades religiosas, especialmente as festas de santo, nas quais não deve faltar a missa, como também não pode deixar de existir o torneio futebolístico, o arraial, a procissão, os fogos e o baile. Entretanto, na sua opinião, o sacerdote, como agente de controle da hierarquia, não deve interferir demasiadamente nas atividades religiosas populares: há, assim, uma tendência à não aceitação das determinações eclesiásticas, sobretudo quando vão de encontro às “tradições”, isto é, aos costumes populares e tradicionais, àquilo que é próprio da “comunidade” que, afinal, o santo representa, como emblema. Essa não aceitação pode chegar, às vezes, à rebeldia explícita, sem atingir, porém, na maioria dos casos, o cisma, coisa rara ou mesmo inexistente na tradição do catolicismo popular brasileiro (cf. MAUÉS, 1995, p. 497-498; cf. também RIBEIRO DE OLIVEIRA, 1985, p. 261-263).

*O leigo carismático*

No movimento carismático, o leigo se caracteriza, à primeira vista, pela preocupação em conhecer a doutrina e a “palavra” (palavra de Deus, que está na Bíblia), como costuma dizer. A leitura e o conhecimento bíblico são claramente incentivados: nas reuniões dos grupos de oração todos portam um exemplar da Bíblia e um livro de

cânticos, “Louvemos o Senhor”. Estes livros são, de certo modo, a marca distintiva do católico carismático. Uma parte importante da reunião dos grupos de oração é dedicada à leitura e à pregação da palavra. Na reunião do núcleo, que prepara a reunião pública do grupo, é escolhida a pessoa, um convidado especial, mas, muitas vezes, um membro do próprio grupo, que irá fazer a pregação.

No momento adequado, após a leitura, em voz alta, todos devem acompanhar com suas próprias Bíblias. O (a) pregador (a) procura explicar o trecho lido e, muitas vezes, propõe a “partilha da palavra”, isto é, pede que vários membros do grupo exponham suas idéias, explicações ou dúvidas sobre o texto. Às vezes essa partilha é precedida de uma discussão em pequenos grupos em que se divide a assembleia: o relator de cada grupo vai para a frente da assembleia resumir o que foi discutido e explanado previamente, seguindo-se, se necessário, uma discussão mais geral. Essa técnica, muito conhecida e utilizada pelos pedagogos, parece ser bastante eficiente para promover o estudo bíblico, incentivando-se, também, a leitura em casa, assim como a participação em cursos e retiros especiais promovidos pelo movimento.

Outra característica do leigo carismático católico é sua atitude e seu esforço proselitista em relação aos demais, católicos e não católicos. Não se trata de algo tão forte e insistente como é possível constatar entre os fiéis de algumas Igrejas Pentecostais, mas, certamente, a RCC (forma de pentecostalismo católico) não se comporta do mesmo modo indiferente, como a maioria dos demais católicos, nem procura *naturalizar* o pertencimento ao catolicismo, como se pode observar da parte dos católicos populares. Ao contrário, a adesão ao “verdadeiro” catolicismo precisa ser induzida e obtida por meio de um “autêntico” processo de *conversão*.

Ao lado disso, é possível observar a maior dependência do católico carismático em relação às autoridades eclesiásticas. Claro que não está ausente a tendência do leigo ao consumo mais ou menos autônomo dos bens simbólicos disponíveis, o que é certamente reforçado pelo maior conhecimento da doutrina e dos textos bíblicos, cuja interpretação pode fazer-se de forma mais livre. Por isso, está também, sempre presente, da parte das autoridades religiosas, a preocupação com o controle, para evitar os “excessos” e “fanatismos”.

Durante a pesquisa, um episódio noticiado pela imprensa deixou isso bem claro. Um dos principais jornais de Belém, *O Liberal*, publicou mais de uma notícia, em colunas especializadas e em matérias apresentadas como reportagens, sobre as atitudes do Arcebispo de Belém, D. Vicente Zico, que teria proibido a realização das chamadas missas de cura, bem como, nas reuniões dos católicos carismáticos, a ocorrência do fenômeno da glossolalia (“orar em línguas”) e o “repouso no Espírito”<sup>6</sup>. Isso provocou uma grande comoção entre os carismáticos de Belém. Um senhor humilde, operário aposentado, membro do grupo “Família de Nazaré”, disse-me que ficara muito aflito, pois aquela divulgação pela imprensa não ficava bem para o movimento carismático. Ele ia perguntar a dona Elza<sup>7</sup>, coordenadora da RCC na arquidiocese de Belém e membro do mesmo grupo “Família de Nazaré”, o que havia de verdade naquilo.

Durante as reuniões dos grupos de que eu e os bolsistas participamos, o fenômeno da glossolalia continuava ocorrendo livremente, bem como o repouso no Espírito. Antônio me disse que aquilo era “conversa de jornal”. Maura, 38 anos, nível de instrução médio, coordenadora do grupo de oração do prédio onde morava Antônio, disse-me que o fato era real, mas que havia certos exageros no noticiário da imprensa: de fato, o que tinha ocorrido não vinha “da cabeça” de D. Zico, mas sim da influência do bispo auxiliar de Belém, D. Carlos Verzeletti que, por ser italiano, era mais rígido do que o arcebispo. No entanto, não estavam proibidas de fato as missas de cura, elas apenas passariam a ser chamadas “missas da bênção”; também não estava proibido o orar em línguas nem o repouso no Espírito, mas era necessário que essas manifestações fossem evitadas em lugares impróprios ou seus “excessos”. Outras explicações não diferiam muito das de Maura.

De modo geral, portanto, a palavra do arcebispo era levada a sério, embora também fossem criticados os exageros da informação jornalística. Só num caso parece que se manifestava uma espécie de “rebeldia”: o coordenador de um outro grupo de oração, que pude consultar sobre o assunto, disse-me que, a despeito da proibição do arcebispo, as orações em línguas não poderiam deixar de ocorrer, nem o repouso no Espírito. Nesse momento, no entanto, estava implícita a

idéia de que o arcebispo nunca poderia proibir uma coisa que é considerada como a própria manifestação da divindade em seus fiéis.

Apesar, no entanto, da maior dependência dos leigos carismáticos em relação às autoridades eclesásticas, está bem presente, entre eles, a crítica aos sacerdotes católicos que não aceitam a “Renovação”. Isso ficou bem evidente, desde o momento em que, pela primeira vez, entrevistei Josefa, 46 anos, nível de instrução médio – a primeira entrevista feita no decorrer da pesquisa. Nessa entrevista, não gravada, realizada em 11/6/97, Josefa disse que a RCC tem muitos adversários, mesmo dentro da Igreja Católica, e os maiores são os padres que não aceitam a Renovação. Em Belém, entretanto, segundo ela, o movimento conta com apoio decidido do arcebispo, D. Vicente Zico. De minha parte, retuquei perguntando se a RCC não tinha origem no Concílio Vaticano II e ela disse “sim”, que havia mesmo uma oração do Papa João XXIII que falava sobre a necessidade da Igreja Católica se renovar pela ação do Espírito Santo e que, mais tarde, o Papa Paulo VI também apoiou a Renovação, o mesmo acontecendo com o Papa João Paulo II. Apesar disso, continua a oposição de alguns padres, o que acontece por “orgulho” da parte deles.

Em sua segunda entrevista, agora já gravada, em 19/6/97, Josefa foi menos contundente na sua crítica. Perguntei sobre o papel dos sacerdotes e dos demais religiosos no movimento de Renovação Carismática e obtive a seguinte resposta:

Olha, todo batizado é carismático por excelência, porque no momento em que recebe o sacramento do batismo, recebe os dons do Espírito Santo. E a importância dos sacerdotes na Renovação Carismática é como o pastor cuidando de suas ovelhas, é o papel do próprio Cristo, né? Cristo preocupado com seu rebanho. Então o papel dos sacerdotes dentro da Renovação Carismática é o mesmo de seu pastor e suas ovelhas, ao qual nós devemos a nossa reverência, o nosso respeito, nossa dedicação. Pra nós é uma autoridade.

Sobre a participação de sacerdotes e outros religiosos como membros da Renovação Carismática, disse Josefa:

A Renovação, ela é aberta para todos, da criança ao idoso, do leigo ao religioso, ou seja, consagrado [...]. É bispo [...]. Nós temos muitos bispos na Renovação Carismática, que

amam a Renovação, que realmente partilham passo a passo a Renovação. Temos também muitos sacerdotes que são mergulhados na Renovação e temos outros sacerdotes que não simpatizam com a Renovação [...].

Finalmente, quanto à oposição de sacerdotes à Renovação Carismática:

Olha, a primeira coisa é que a Renovação, quando você [...] vai aderindo à Renovação, você vai sentindo que existe uma necessidade fortemente de que você seja renovado. Porque é preciso primeiro renovar a estrutura física da Igreja. Não é as colunas de pedra da Igreja, porque tem que renovar as colunas vivas, que somos nós [...], nossos corações [...]. Então, muitas vezes, os padres não querem aceitar, eles dizem que a Renovação é radical, não é a Renovação que seja radical, tanto que ela aceita você como você vem, pecador, doente, sai da macumba, vem pra Renovação [...].

Ao lado dessa crítica, que encontrei em várias entrevistas, há também o esforço dos leigos da Renovação no sentido de “converter” os sacerdotes que se opõem ao movimento.

## O LEIGO CARISMÁTICO: PRINCIPAIS TRAÇOS DISTINTIVOS

### *O processo de ‘conversão’*

Para entender melhor o que é o leigo na RCC é importante examinar como se dá a adesão ao movimento, que muitos informantes retratam como um autêntico processo de conversão. Trata-se de um processo complexo, em que se podem encontrar várias situações. Em alguns casos, o carismático já era católico, transitando, pois, dentro da mesma Igreja, ou de uma situação em que se considerava católico “só de nome”, como dizem alguns informantes, ou de uma situação de católico “praticante”, muitas vezes membro de algum outro movimento, como o Encontro de Casais com Cristo (ECC) ou o Cursinho de Cristandade (casos mais frequentes), para o movimento carismático, o que nem sempre representa uma ruptura com o movimento anterior. Em outras situações, mesmo sendo católico, o indivíduo transita antes por outras ofertas religiosas, como o pentecostalismo, a umbanda, o espiritismo e,

só depois, “converte-se” ao movimento carismático. Não encontrei qualquer caso de pessoa que tenha vindo de outra religião, sem antes ter sido católica. Há, porém, uma situação em que a pessoa foi criada dentro da Assembléia de Deus, foi batizada na Igreja Católica, com 7 anos de idade, por influência da mãe, que se converteu ao catolicismo, viveu muitos anos como católica tradicional e, já adulta, ingressou afinal no movimento carismático.

Com alguma frequência, o ingresso na RCC ocorre em razão de uma crise de vida, envolvendo desorientação psicológica, problemas de relacionamento, dificuldades financeiras, doença, alcoolismo, conflitos familiares etc. Reproduz-se, nessas situações, a clássica história das conversões traumáticas – como a bem conhecida do apóstolo Paulo –, ou a trajetória do xamã, encontrada em várias formas religiosas, por todo o mundo, e que também pode ser encontrada nos processos mais notáveis de outras igrejas cristãs – como o caso da fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular, nos Estados Unidos, Aimée Sample McPherson – e, mesmo, em relatos colhidos entre adeptos de várias outras Igrejas Pentecostais (cf., entre outros, LEWIS, 1977; FRESTON, 1994; NICOLAU, 1997 e ROTHE, 1998). Mas, em várias outras situações, o ingresso na RCC se dá por influência de amigos, namorados ou esposos, pela atração dos cânticos e da dança, assim como por outras razões (sobre o assunto, cf. MAUÉS, 2002).

### *Atividades de culto*

A principal atividade de culto do leigo carismático aparece aos olhos do observador externo como a participação semanal na reunião do grupo de oração. Os grupos de oração existem nas paróquias, sendo autorizados pelo pároco, mas necessitando também de um aval da coordenação arquidiocesana do movimento. Tomando o exemplo da paróquia de Nazaré, uma das mais importantes de Belém, tenho conhecimento, pela pesquisa, dos seguintes grupos: o “Glória no Senhor”, que se reúne na Basílica, sede da paróquia, e que, segundo a versão mais aceita no movimento, teria dado origem à RCC em Belém; o grupo da “Comunidade Maira”, com trabalho voltado para os jovens, desenvolve bastante o “ministério” da música e tem suas reuniões públicas na Capela de Lourdes; e o grupo “Sagrada Família de Nazaré”, que pertence ao Projeto Ágape, voltado para o ministério da família e

ligado mais diretamente à coordenação diocesana da RCC, que se reúne na capela da “comunidade” São Brás. Tenho informação, mas não participei de nenhuma reunião, de um grupo que se reúne no Edifício Manoel Gonçalves, situado na Travessa 14 de Abril, congregando os moradores do prédio e que de alguma forma é vinculado ao “Família de Nazaré”; um grupo que se reúne na Capela de N. S. das Graças, situada na Av. Conselheiro Furtado<sup>8</sup>; e o grupo “São José”, que foi mencionado no depoimento de uma informante, mas que não cheguei a visitar. Numa paróquia menor e de um bairro periférico, como São Francisco Xavier, que fica na “baixada” (área alagadiça) da Travessa Mauriti, só tenho conhecimento do grupo “Glória a Ti Senhor”.

O leigo carismático reúne-se semanalmente em seu grupo de oração para “louvar”, o que inclui principalmente a oração e o canto. A reunião típica que acompanhei em mais de um grupo começa de fato um pouco antes da hora marcada, com a reza do terço completo ou apenas da “dezena” do terço: dez Ave-Marias, um Pai-Nosso e uma Salve-Rainha. Isto normalmente se faz sentado. Quando a reunião começa de fato, as pessoas são convidadas a se levantar, fazer o sinal da cruz e, então, o coordenador indica a página do livro de cânticos que deve ser aberta. Os cânticos começam. São vários. As pessoas agitam as mãos para o alto, fazem muitos gestos expressivos, dançam, riem, tocam umas nas outras, divertem-se, com muita alegria. Nas palavras do próprio coordenador de um desses grupos, Antônio:

Geralmente [se] inicia o Grupo com cânticos alegres, né, porque nós entendemos que às vezes as pessoas vêm com muitos problemas, né, pro grupo de oração, e quando chega lá a gente geralmente toca um cântico alegre pra eles descontraírem, né, porque até tem um efeito psicológico, né, quebrar aquilo ali [...].

Não obstante, isso é apenas o início, pois, segundo o mesmo coordenador, “o ponto forte” da reunião do Grupo de oração “é, justamente, a efusão do Espírito”. Para se chegar a isso, cumprem-se várias fases, começando pela “oração de entrega”:

Nessa oração [...] a gente entrega tudo naquele momento nas mãos do Senhor, baseado justamente na leitura, né? ‘Vinde a mim todos os que estão cansados e oprimidos que vos aliviarei’, né? [...].

Seguem-se as demais fases, ainda segundo Antônio:

Depois da oração de entrega, a gente faz uma oração de perdão, né, com cânticos, tudo com cânticos, né, e depois da oração de perdão a gente faz um louvor, que é [também?] o ponto forte dos Grupos de Oração, um louvor a Deus, né, um agradecimento por tudo, e depois também faz a efusão do Espírito Santo, que é o batismo do Espírito Santo [...].

A última coisa, antes do encerramento da reunião, é a “partilha da palavra”, a que me referi: a leitura do Evangelho do dia, seguida de pregação e comentários dos membros da assembléia. Ocorrem, às vezes, “testemunhos”, em que as pessoas da assembléia vão para a frente do público narrar coisas extraordinárias que lhes aconteceram, muitas vezes curas, obtenção de vários tipos de graças etc., pela ação divina, do Espírito Santo, ocasionalmente com intercessão de Maria e, menos freqüentemente, de outros santos.

A efusão do Espírito, ponto alto da reunião, é o momento em que os “batizados no Espírito” exercem o dom da glossolalia, isto é, o “falar em línguas” estranhas. Nas palavras de Fernanda, 33 anos, nível de instrução fundamental, uma ativa participante do grupo:

Antes disso nós já invocamos o Espírito Santo, né, o Divino Espírito Santo. Aí rezamos novamente o terço<sup>9</sup>, né, que Nossa Senhora venha agir naquela reunião, venha cobrir com o seu manto, né, e na hora, quando o Antônio começa, ele só faz começar uma palavra, tá entendendo, as outras palavras, né, e o mais... [Não é] Antônio que tá falando assim propriamente, porque é o Espírito Santo que tá conduzindo aquela oração, e quando o senhor vê todas as pessoas falando ao mesmo tempo, não é a mesma coisa, é porque elas estão sendo conduzidas pelo Espírito Santo.

Antônio chama atenção para o fato de que a estrutura das reuniões não é rígida:

Agora, com relação a essa ordem, a gente não obedece [sempre] essa ordem. Por exemplo, a entrega, isso depende muito do coordenador [...]. Porque de repente, se nós observarmos assim que o pessoal que participa do Grupo tá num momento de clima, alegre, conversando, né, [...] então a gente entra logo no louvor. Mas se a gente observa

a tristeza e tal, a preocupação, porque isso daí é uma psicologia do senso comum, [...] então a gente faz uma oração de entrega, depois um perdão, entendeu, e aí as pessoas já se libertam, né, através da oração, porque a oração nada mais é do que a força do cristão.

Outras atividades de culto, além dos grupos de oração, incluem a missa, as grandes manifestações que ocorrem durante os Cenáculos, a participação em reuniões de massa ensejadas pela vinda de um grande pregador, os retiros – entre os quais se inclui o chamado “carnaval com Cristo”, também conhecido com outros nomes – e, mesmo, as festas religiosas do catolicismo tradicional.

Entre as missas, além da dominical, obrigatória para o católico (com as possíveis alternativas, como a missa do sábado, que substitui a de domingo), destaca-se a chamada “missa de cura” ou “da bênção”. A mais importante em Belém é a que acontece na Basílica de Nazaré, na noite da 1ª sexta-feira de cada mês. Depois de alguns anos, pela grande afluência de público, essa missa passou a ser celebrada ao ar livre, na praça em frente à Igreja. No final dessa missa, pude observar, pela primeira vez, um grupo de jovens dançando animadamente dentro da igreja de Nazaré. Nela é que se exerce mais nitidamente o aspecto mágico mais evidente ligado à RCC. As pessoas vão para lá em busca de cura de seus males físicos e espirituais e o momento central da missa deixa de ser – como seria de esperar numa celebração católica – o momento da consagração do pão e do vinho, para passar a ser o momento da bênção, com água benta. Todos procuram se aproximar do altar, para serem aspergidos por aquela água (encarada como fetiche, objeto mágico), levando consigo retratos de amigos e parentes, bilhetes e outros objetos que precisam ser também tocados pela bênção do sacerdote (que, claramente, para a maioria do público, cumpre o papel de xamã). Os líderes carismáticos de maior responsabilidade e os próprios sacerdotes fazem restrições ao conceito de missa de cura, mas de certa forma também a justificam, pensando-a como instrumento válido para a evangelização. Nas palavras do Pe. Francisco, de 35 anos, um dos diretores espirituais do movimento, na paróquia de Nazaré:

Tem algumas coisas que precisamos orientar: muito barulho na missa, muita gritaria. Tá certo, alguma coisa precisa ser melhor conduzida [...]. A questão da água benta [...], a questão da distribuição da eucaristia, a presença de

pessoas lá no altar, dificultando a visão dos outros, enfim [...]. Eu tomei essa questão da água benta, por que? Porque, logo na primeira missa [de cura] que eu celebrei [...] eu não joguei água benta porque achava [...]. Jogava só naqueles que estavam ali na frente, não jogava em todos [...]. Aí, um leigo subiu lá no altar, tomou a água benta, depois que eu descí do altar e começou a jogar em todo mundo. Eu achei isso uma intromissão mesmo de autoridade. As coisas de Deus têm que ser organizadas. E assim vai. Mas eu penso que [a missa de cura] seja um modo para responder à grande espiritualidade das pessoas.

Os Cenáculos são organizados pelo movimento carismático para a comemoração de Pentecostes. São manifestações de massa, geralmente organizadas em estádios ou em ginásios, que duram o dia inteiro, com muitos cânticos, orações, representações teatrais, pregações, culminando, muitas vezes, com a celebração da missa<sup>10</sup>. Outro tipo de manifestação de massa é o que pode ocorrer quando um pregador famoso é convidado a falar para o conjunto dos membros do movimento carismático. Isso aconteceu em Belém em janeiro de 1998, numa “Noite de Oração e Louvor”, a quando da pregação do padre americano Robert DeGrandis, autor de vários livros populares entre os membros da RCC, como *O Repouso no Espírito*, *A Cura pela Missa*, *A Ejsusão do Espírito* e *O Dom dos Milagres*, entre outros. Nessa ocasião, ocorreram várias curas extraordinárias, com a participação da multidão – constituída principalmente por leigos carismáticos – tomada pelo Espírito Santo, num espetáculo verdadeiramente impressionante<sup>11</sup>.

É também importante registrar a participação dos carismáticos nas festas religiosas do catolicismo popular. Observei isso, intensamente, durante os anos de 1997 e 1998, no Círio e na Festa de Nazaré, desde os momentos de preparação da grande festa, quando várias réplicas da imagem de Nossa Senhora são conduzidas às residências, permitindo reuniões especiais de oração nos lares da cidade. Pude, por outro lado, observar mais detidamente a festa em homenagem a São Brás, promovida pela Comunidade São Brás, com participação dos carismáticos do grupo “Família de Nazaré”, que culminou na tarde/noite do dia 3/2/98 – depois das noites tradicionais de novena –, com procissão, fogos, missa celebrada pelo vigário da paróquia de Nazaré, seguida de bênção da garganta dos participantes com a imagem do santo,

e de uma lauta ceia, que também serviu para comemorar o aniversário do pároco, recentemente ocorrido. Nessa festa não estavam presentes somente os carismáticos, mas também os membros do ECC e os demais fiéis da “comunidade” que freqüentam a pequena capela.

#### *O exercício dos ‘dons’*

Para Francisca, de 38 anos, nível de instrução médio, coordenadora de um outro grupo de oração, mas que também participa do grupo “Família de Nazaré”, que acompanhei por vários meses durante a pesquisa, o “dom de línguas” (glossolalia) é o mais “fácil” de todos os dons do Espírito. De certo modo espera-se que todos os membros da Renovação acabem por desenvolver esse dom, que, como é sabido, é o sinal mais evidente, entre os pentecostais (católicos ou não católicos), do chamado “batismo no Espírito”.

Além do fenômeno da glossolalia, que pode ser observado em todas as reuniões dos grupos de oração – e em outros eventos do movimento carismático –, são relativamente freqüentes, também, as manifestações do dom da profecia (quando alguém faz uma observação inspirada, de caráter doutrinário ou moral) e da interpretação (quando alguém anuncia à assembleia o sentido das palavras que estão sendo pronunciadas por outros em línguas estranhas)<sup>12</sup>.

Muito valorizado é também o dom de cura, que pode ser exercido tanto por sacerdotes como por leigos. Pude observar o exercício desse dom, de modo espetacular, durante a mencionada pregação do Pe. Robert DeGrandis. Esse sacerdote solicitava sempre que seus ouvintes – na maioria leigos – também impusessem suas mãos sobre os doentes e, de fato, no momento da cura, ouvia-se um coro impressionante de vozes orando em línguas e participando, ativamente, do ato. Por outro lado, o Pe. DeGrandis fazia questão de repetir, várias vezes, que não era ele nem as pessoas da platéia que estavam realizando as curas, e sim o Espírito Santo. As pessoas eram apenas os instrumentos do Espírito. São comuns as visitas dos carismáticos aos doentes, nas casas e nos hospitais, para fazer orações, quando também é colocado em exercício o dom da cura.

Para o carismático, entretanto, os dons do Espírito não são apenas aqueles mais extraordinários, como os mencionados; são também os dons que representam habilidades pessoais, como tocar um instrumento, cantar ou pregar a palavra. Neste caso, é comum ouvir-se o

depoimento de que, a despeito do esforço de preparação que o pregador deve fazer antes de dirigir-se à assembleia, na hora da pregação, a pessoa acaba por esquecer o papel, os planos e as anotações, e passa a falar de uma forma inspirada, sendo suas palavras conduzidas pelo Espírito. Pode ocorrer inclusive que, nesse momento, a pessoa passe também a falar e orar “em línguas”.

#### *Atividades pastorais e sociais*

Vários informantes, nas entrevistas, procuraram rebater as críticas que são feitas ao movimento, sobretudo por sacerdotes, segundo as quais seus militantes só se preocupam em cantar e rezar. Cito apenas dois depoimentos:

Tem padres que não conhecem a Renovação e vêm falar que a Renovação, que os grupos de oração só oram, mas esquecem que a missão da Renovação é a Igreja: ‘Ide e evangelizai pelo mundo’ [...]. Então, todo grupo de oração é dentro de uma paróquia. E a formação que nós damos para esses grupos de oração é que eles vivam, façam o trabalho deles dentro da pastoral paroquial da qual eles se identifiquem [...]. Então, tem padre que não enxerga o trabalho da Renovação, porque ela não tem um trabalho próprio de renovação [pastoral?], ela é Igreja porque ela está inserida nas pastorais [nas paróquias]. Então aí há atritos, eles acham que a Renovação nunca faz nada. Mas, pelo contrário, a Renovação trabalha muito e muito [...]. Então fica, às vezes, até muito sobrecarregado nas paróquias, devido querer mostrar para o padre que estão trabalhando. E os padres, às vezes, até exploram por esse lado (Maria da Glória, 46 anos, nível de instrução médio).

Eu acho que a Igreja não pode ficar alheia a esses movimentos sociais, mas eu acho que a prioridade dentro de qualquer movimento católico deve ser sempre Deus, sabe? Não deve ir para esse lado político, porque você está ali não só para pedir, mas agradecer a Deus, porque você é obra das suas mãos. Então, eu acho que não tem que ir para esse lado político não. A finalidade, a prioridade é Ele. Se bem que essas outras causas, esses problemas sociais, a Igreja não pode [...] deixar de fazer. Por exemplo, essas obras sociais, como se faz aí no Centro Social [da

Basilica de Nazaré], trabalho com catequese com essas comunidades, trabalho de sopa para os carentes, essas coisas [...]. Enxoval para as mães solteiras, essas coisas [...]. Essa parte a Igreja não pode deixar, é importante. Mas, a missa, tem de ser voltada para Ele, Ele, Ele [...] (Marina, 53 anos, nível de instrução médio).

O depoimento desses informantes e de outros, não citados, evidencia, em primeiro lugar, que há uma nítida consciência da diferença do papel da Renovação em relação aos movimentos e propostas, como as CEBs e a Teologia da Libertação, que colocam o social como prioridade do trabalho da Igreja. Mas também há uma consciência de que o trabalho da RCC não pode, como acusam seus críticos, limitar-se aos atos de “louvor” ou às reuniões dos grupos de oração. Se se reconhece que é o grupo de oração que mais aparece, como a marca distintiva da Renovação, os informantes insistem na falta de conhecimento dos críticos, que não percebem o engajamento dos membros da Renovação nas pastorais das paróquias a que pertencem e sua atuação no campo do social, mesmo que, como fica evidente, a maior parte dessa atuação se circunscreva ao campo do que se poderia chamar de “assistencialismo”.

Os informantes falam da atuação dos membros da RCC na pastoral carcerária, da saúde, da comunicação, o que inclui a visita e o trabalho nas prisões, a visita e o trabalho junto aos doentes, nas casas e nos hospitais, o trabalho junto às “mães solteiras”, a catequese, além de um trabalho a que dão grande importância, que é o da distribuição de sopa aos mendigos. Esse trabalho não é feito só pelos carismáticos católicos, mas também pelos evangélicos, espíritas e outros grupos. Há uma certa competição entre esses grupos, dizendo os carismáticos que entrevistei que sua sopa é mais “saborosa” e “apreciada” do que a de outros, mas também acontece, eventualmente, alguma colaboração entre eles: espíritas kardecistas, por exemplo, às vezes ajudavam membros do grupo “Sagrada Família de Nazaré” a distribuir sopa aos mendigos nas noites de sábado.

#### *Atividades de coordenação e direção*

Os leigos, na RCC, têm grandes responsabilidades de coordenação e direção, embora haja sempre sacerdotes que têm alguma responsabilidade de coordenação espiritual ou orientação quanto ao

movimento. Assim, embora haja, em Belém, uma coordenação arquidiocesana e uma coordenação estadual, exercidas por leigos (duas mulheres casadas, com idades de mais de 40 anos), há um sacerdote que trabalha junto a essas coordenações: trata-se de um padre diocesano de mais de 60 anos que, também, é formado em pedagogia e professor universitário.

Os grupos de oração, nas paróquias, são coordenados por leigos, mas estão de certo modo subordinados aos párocos, que os orientam quer diretamente, quer – no caso das grandes paróquias, como Nazaré – por meio de algum outro sacerdote designado por eles. Esses grupos, no entanto, por meio de seus coordenadores, ligam-se à coordenação arquidiocesana, participando de reuniões mensais, às quais não está ausente o sacerdote orientador geral ou coordenador espiritual da arquidiocese.

Os leigos atuam também, decisivamente, nos núcleos, conselhos e coordenações, como já foi dito. Cada grupo de oração possui um núcleo que se reúne semanalmente, para avaliar as atividades, as reuniões anteriores, bem como planejar ações e as reuniões subsequentes. Há também um conselho arquidiocesano que se reúne mensalmente. E, finalmente, existe ainda uma coordenação nacional, exercida por leigos, à qual se ligam as coordenações estaduais da RCC.

#### OS LEIGOS CARISMÁTICOS POR ELES MESMOS

Os leigos carismáticos manifestam sua visão sobre eles mesmos, discorrendo, por exemplo, sobre o papel do leigo no movimento. Para dar ao leitor uma idéia sobre isso, selecionei três depoimentos representativos:

Sem os leigos não existe Igreja, porque quem forma a Igreja é o povo [...]. O padre sozinho ele não vai fazer nada. Pra quem ele vai trabalhar? Então a importância do leigo como Renovação Carismática da Igreja é colaborar com a Igreja para que ela cresça, para que ela seja como um testemunho de Deus na face da terra. É o papel do leigo como um todo, mesmo na Renovação ou não [...]. Outros movimentos é isso, é o seu testemunho de que houve Cristo na sua vida, daí é que parte para trabalhar na Igreja (Josefa, 46 anos, nível de instrução superior).

O leigo carismático ele fica na paróquia dele, tudo o que tem na paróquia dele ele participa. Agora nós temos uma pastoral que a gente assim particularmente olha com mais atenção, dizem que é a pastoral da cura, mas é a pastoral do enfermo, é a pastoral do enfermo, que nós [...] trabalhamos nos hospitais [...]. Principalmente agora nós temos tantas pessoas que precisa, tanta coisa [...]. Uns que se enchem de remédio, de tanto tóxico, tanta coisa e vão se destruindo cada vez mais [...]. Então o carismático tem esse carisma da oração [...]. A qualquer hora o pessoal tá chamando, tem grupo de cura, tem grupo que nós chamamos de cura, mas é de oração, entendeu? Quer dizer, então, é esse assim o nosso carisma. Agora, o que tem na paróquia, a gente está engajada na pastoral, na diocese, e o que o Dom Zico [arcebispo de Belém] chama a gente [...], assim as coisas mais forte, ele chama a Renovação Carismática, porque ela tem feito, sabe, e ela vai mesmo (Mariana, 66 anos, nível de instrução médio).

A importância do cristão leigo nada mais é do que: eu tenho o dom, eu tenho o dom de cura, ele tem o dom da fé, ele tem o dom da palavra, ele tem o dom de tocar um instrumento [...]. Então cada um é importante, porque cada um tem o dom, e os dons eles são divididos, eles são partilhados dentro do Grupo [...] (Antônio).

Nesses depoimentos, além de chamarem atenção para a importância do papel do leigo na Igreja Católica, os carismáticos enfatizam os dons do Espírito Santo, que atualizam e possuem, especialmente o dom de cura. Fica implícita, na maior parte dos casos e, por vezes, explícita (embora os depoimentos citados não coloquem isto), aquilo que a RCC se proclama, muitas vezes, incluindo aí não somente o leigo carismático, mas toda a Renovação: não se trata de um simples movimento de Igreja, mas a própria “Igreja em movimento”.

## OS OUTROS NA VISÃO DOS LEIGOS CARISMÁTICOS

Os leigos carismáticos manifestam também sua opinião sobre os outros, isto é, os não carismáticos: outros leigos católicos (cursilhistas, membros do Encontro de Casais com Cristo (ECC), das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) etc.), sobre os sacerdotes católicos, sobre o que

comumente chamam de “protestantes” e sobre outras religiões (geralmente as religiões mediúnicas, como os cultos de origem africana e o espiritismo kardecista).

Vários dentre os carismáticos entrevistados nesta pesquisa já eram leigos católicos, alguns pertencentes a movimentos como o Cursilho de Cristandade e o ECC. Outros, sendo católicos populares (tradicionais), transitaram rapidamente por algum desses movimentos antes de se fixarem na RCC. Por isso, é muito comum a referência a esses movimentos:

Através do Cursilho de Cristandade é que eu comecei a me desenvolver na Igreja [...]. Aquilo foi penetrando no meu coração, né, e foi quando eu fui mudando assim de comportamento, né? [...]. O Pe. Miguel Giambelli [vigário de Nazaré] na época ele deu logo a responsabilidade [...], me prendeu mesmo [...]. Depois que eu fiz o Cursilho, ele deu logo a missão pra nós dois [o informante e sua esposa] coordenarmos uma comunidade [...], e daí nós fomos trazendo também várias pessoas pra Igreja [...]. E depois, quando o Pe. Miguel Giambelli [...] deixou a paróquia, aí já veio o Pe. Giovanni Incampo [...]. Aí [...] apresentaram para ele uma experiência de ECC, aí ele convocou cinco casais, inclusive eu e minha esposa, fomos pra Terezina [Piauí]. Lá em Terezina fizemos o encontro tudinho e trouxemos um bocado de documentos [...]. Aí nós montamos – os cinco casais com o Pe. Giovanni – [...] o movimento, dando frutos, produzindo bastante frutos, juntamente com o Cursilho [...].

No ponto a seguir, o informante faz questão de destacar a independência entre os dois movimentos:

São independentes, cada qual vive as suas diretrizes. O ECC é um pouco mais adocicado. O Cursilho já é mais duro, exige muito do homem ou da mulher, um engajamento, entendeu? Exige mesmo. Já o ECC, não, já é mais [...]. Já dá mais liberdade (Carlos, 68 anos, nível de instrução fundamental, marido de Mariana).

Nem sempre o depoimento dos carismáticos é tão favorável ou indulgente em relação a outros movimentos de Igreja. Comparando o Projeto Ágape, da RCC, que se volta para a família, e o ECC, disse Márcia, 33 anos, nível de instrução fundamental, integrante ativa do grupo “Família de Nazaré”:

O Projeto Ágape ele abrange a família no todo, né, e o ECC ele distingue assim um pouco. Vamos dizer que o senhor está no ECC e aí sua esposa – que Deus o livre – morre, ela falece, então o senhor não pode mais participar [...]. Porque a sua esposa simplesmente faleceu e o senhor não é mais casal, entendeu, o senhor já é viúvo, né, e não pode [...]. O Projeto Ágape ele abrange o todo, sabe, ele abrange assim a viúva, tá, ele dá apoio ao viúvo, ele dá apoio à mãe solteira [...]. Esse Projeto aceita a mulher sozinha, até um dia que consegue, [...] com perseverança, [que] ela traga o esposo [...]. Pode trazer os filhos, entendeu? E o ECC não, o ECC o encontro é só pro casal [...]. O que eu gostei mais do Projeto Ágape é a espiritualidade que o ECC não tem, não existe. Tem um dia de espiritualidade, mas é tudo lido no papel, sabe? [...] Isso não bate comigo, pra mim tem que ser tudo espontâneo, sabe como é, é você e Deus, é o diálogo, é você e Deus, você conversando com Deus.

Márcia é, porém, ainda mais dura nas críticas ao ECC. Ela tem uma longa história de horror à bebida alcoólica, porque seu pai bebia muito e, segundo seu relato, teve de aturar as bebedeiras dele durante 15 anos. Pedia sempre a Deus que lhe desse um marido que não bebesse, mas, para sua decepção, logo seu marido também se entregou à bebida. Sua cura se deu depois de cinco anos, ao se converter à Igreja e entrar para o movimento carismático, com uma pequena passagem pelo ECC. Segundo suas palavras:

[No ECC era um] conflito [porque] eles traziam pra gente cartelas de bingo pra gente vender cerveja lá na hora, sabe? Tem que passar a noite vendendo cerveja. E eu dizia pra eles que eu não ia fazer isso, que eles ia me desculpar, mas que eu já tava saindo da bebida, porque se eu tava saindo da bebida eu não ia querer colocar o meu irmão na perdição, sabe?

Em vários outros depoimentos (gravados ou não) há também críticas de diferentes informantes quanto ao ECC, a maioria relacionadas ao consumo e à venda de bebidas alcoólicas durante as promoções do movimento. Essas críticas são feitas às vezes por pessoas que se confessam ex-alcoólatras, que se libertaram do vício com a entrada na

RCC, e por isso não admitem que um movimento de Igreja promova abertamente o consumo do álcool.

Há também restrições e críticas quanto a um engajamento mais social e político da parte do cristão enquanto membro da Igreja, ou quanto a orientações políticas de algum movimento da Igreja. Dois depoimentos são bem significativos. O primeiro é o depoimento de Mauro, 23 anos, nível de instrução médio, jovem participante da Comunidade Maira, ao ser indagado sobre outros movimentos de Igreja, incluindo as CEBs:

Eu acho que o médico se forma pra ser médico, o professor se forma pra dar aula e o padre se forma pra falar de Deus. O padre tem que ser padre, se não, vai se formar em padre para ser diretor de comitê político? Pra trabalhar com frente parlamentar em alguma coisa? Acho que existem movimentos pra diversas coisas, e dentro da Igreja você tem de falar de Deus. As pessoas confundem muitas vezes isso [...]. Começam a falar de política, política, de injustiças sociais e se esquecem que Deus é o centro de tudo. E o apóstolo Paulo falava: 'A fé sem obras é morta', não é? Mas também, você não pode fazer somente as obras e esquecer da parte religiosa, quando é isso que é realmente o alimento que você precisa. Você tem de primeiro procurar este alimento para depois procurar enveredar por este lado. Eu acho que se você procurar ficar baseado somente nessas práticas de religião e política juntas, você não consegue ter um embasamento cristão.

O segundo depoimento foi dado por Paulo, 43 anos, nível de instrução médio, ao ser inquirido sobre a diferença entre a RCC e as CEBs:

[A diferença é que, nas CEBs] se fala muito em política, não é? Se fala muito na teologia, se fala muito em normas. E, na Renovação Carismática, se fala do Deus agora, do Deus aqui, acontecendo. E não do Deus dos teólogos [...], mas o Deus que está aqui, que está dentro de nós, que nós recebemos o Espírito no batismo, quando crianças. É isso que diferencia muito. Quando o padre vem falar de política, o povo não tá mais aceitando isso. O povo quer

vir para a igreja para ter um momento de paz, de solidariedade, de encontro com Deus. O povo não está mais aceitando isso. Tu vêes que isso tá acabando por si mesmo.

Para completar o item sobre as concepções do leigo carismático a respeito dos não carismáticos, vamos examinar ainda algumas falas sobre o que eles chamam de “protestantes” e também sobre outras religiões que lidam com o transe e a possessão, como o espiritismo e as religiões de origem africana.

A maioria dos entrevistados, seguindo um costume popular muito difundido no Brasil, chamam de “protestantes” especialmente os pentecostais<sup>13</sup>. Como os protestantes históricos são menos visíveis no atual campo religioso brasileiro, eles normalmente não são conhecidos ou não são mencionados pelos entrevistados. De modo geral, os pentecostais são vistos com simpatia – exceção feita à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que invariavelmente é criticada -, embora não estejam também isentos de críticas, sobretudo no que diz respeito a sua atitude com relação ao culto de Maria.

Carlos, 68 anos, nível de instrução fundamental, em seu depoimento, ao falar sobre o fato de que normalmente as pessoas que participam da Renovação passam por grandes transformações nos seus hábitos, incluindo o abandono de vícios como a bebida alcoólica e o fumo, procura mostrar a diferença de atitude dos evangélicos em relação aos carismáticos católicos:

Agora os evangélicos, segundo informações, eles exigem mesmo, entendeu? Eles impõem assim às pessoas. E a Renovação Carismática é liberta, você abre seu coração pra Jesus entrar, entendeu? Aí vai havendo essas modificações [...] espontaneamente, sem a gente impor nada, nada, nada, na pessoa. Vai se libertando, vai conversando um com o outro, aí vai [...]<sup>14</sup>.

Ao perguntar ao mesmo informante qual a diferença entre evangélicos e carismáticos no que diz respeito ao papel e à manifestação do Espírito Santo na vida dos fiéis, ele disse:

Olha, nessa parte [...], não há diferença nenhuma, não há, não há nenhuma, nenhuma. Porque a Renovação Carismática se segura mesmo no Espírito Santo [...]. Mas pra não ser só a Renovação Carismática, eu vou citar

também o movimento do Cursilho de Cristandade. Ele se segura muito no Espírito Santo.

No entanto, no que diz respeito ao culto a Maria, disse Carlos, dando uma informação que não pude confirmar na pesquisa:

Aí, já eles não querem saber de Nossa Senhora, apesar de que já tem umas Igrejas Evangélicas que aceitam Nossa Senhora, por exemplo, a Primeira Igreja Batista. Eles aceitam Nossa Senhora como poderosa, tem o poder de modificar o ser humano aqui na terra, entendeu, a Igreja Batista. Agora tem as outras que são mais radicais [...].

Sobre as atitudes proselitistas e às vezes intolerantes dos “protestantes”, disse Vanda, 32 anos, nível de instrução médio, corretora de imóveis:

Teve um cliente meu que era da Universal. E no meu escritório eu tenho um Crucifixo e um retrato do Coração de Jesus [...]. E ele disse que tinha gostado muito do imóvel, mas que ele não ia alugar o imóvel porque no meu escritório existia a presença, no caso, do maligno, através daquelas imagens, e isso impedia com que ele entrasse no meu escritório. E eu provei pra ele por A mais B que ele estava errado, e que Jesus não estava ali naquela cruz e que Ele teve que passar por aquilo por nós, mas que Ele estava vivo, e vivo em nós. E que se ele estava achando aquilo, com certeza Jesus não estava habitando no coração dele. Porque quando a gente tem Jesus verdadeiramente, a gente procura ajudar aqueles que estão perdidos, que a gente sente que está afastado de Deus, e não chegar, criticar e achar que é certo, que ‘nós somos os verdadeiros’, e passar aquilo que Deus suscita no nosso coração.

Há, porém, depoimentos que procuram minimizar as críticas aos “protestantes”, como no caso de Alfredo, um professor universitário, de 65 anos, que também está ligado ao processo de implantação da RCC em Belém, na versão de Mariana:

Nós católicos temos de reconhecer que a nossa Igreja não é o único caminho para Deus. Os protestantes fazem a parte deles [...]. Só Deus sabe o caminho que nós devemos seguir. Então, uma coisa que eu fico preocupado às vezes é críticas ao, por exemplo, protestantismo, condenando [...]. Não, nada disso. Vamos ver o que está errado, o que

realmente estaria contra o Evangelho [...]. Agora, vamos viver a nossa religião e orar por eles. Nós não podemos dizer que nós é que somos os certos do mundo.

O depoimento de Arminda, 53 anos, nível de instrução superior, refere-se a várias situações, condenando explícita e duramente algumas crenças, mas manifestando simpatia para com o pentecostalismo (com exceção da IURD):

A umbanda, o espiritismo, eles até usam o nome do nosso Deus, mas o deus deles é o demônio. Eles tomam conta da inteligência do homem, mas é o diabo. Os espíritos guias, que eles chamam, são aqueles espíritos que não sobem, que nós oramos por eles pra que eles subam, mas não prestam<sup>15</sup>. Agora, o movimento pentecostal é um movimento de Cristo, é um movimento do Espírito Santo, do Deus de amor. As Igrejas Evangélicas daqui, têm uns evangélicos com a gente. Elas são Igrejas que lidam com a palavra do Senhor. Agora estas seitas [...]. Igreja Universal [...]. Elas usam a palavra do Senhor, é diferente. Elas usam, elas se aproveitam. Hoje o padre até citou [...]. E você fica emocionado, você fica louvando, você fica acreditando, porque a sua base está montada, então basta [...]. Tem aquele lobo vestido de cordeiro e você acredita, mas ele não tem o embasamento, aquela profundidade que a Igreja Católica dá. A Igreja Católica é perfeita? Não, porque é formada por mim, por nós, que somos humanos. Mas a essência dela é Cristo, filho de Deus, mandado para que nós tivéssemos [...]. Era Cristo vivo, não era o Cristo um espírito, como o espiritismo e a macumba dizem: um espírito bom, um espírito... Não, para a Igreja Católica, Cristo é filho de Deus. E nós cremos que Cristo é o Espírito Santo, o Espírito libertador.

Sobre a participação de pessoas que hoje pertencem ao movimento carismático nos cultos de origem africana, antes de se “converterem” ao que é por elas considerado o verdadeiro catolicismo, vale considerar o seguinte depoimento:

O espiritismo eu não freqüentei, nem o protestante, mas freqüentava sim a umbanda, porque eu achava que ia resolver o meu problema. Conclusão: piorou mais. Foi lá que eu fiquei no fundo do poço, me afundei mesmo. E

agora [no movimento carismático], não está assim tão resolvida a minha vida, mas eu estou sabendo aceitar as coisas, e aos poucos vai se encaixando. Porque Deus vai trabalhando a nossa vida aos poucos, né? Mas estou bastante melhor do que eu vim. As pessoas que me acompanham sabem como está a minha vida. Está bastante, está ótima, está boa (Ana, 34 anos, nível de instrução médio, membro do grupo “Glória no Senhor”).

Esse depoimento de Ana é importante, porque coloca uma questão que também é colocada por Elza, coordenadora arquidiocesana da RCC em Belém, que eu gostaria de enfatizar neste momento e retomar nas considerações finais deste artigo. Trata-se da questão da cura no movimento carismático que, para ela, não é só física:

É mais espiritual do que física, porque às vezes você é curado espiritualmente e continua com sua enfermidade física e aceitando natural. Você não faz mais uma tempestade por causa daquele seu mal físico, porque você já está curado, já aceita aquela situação com a maior naturalidade. Eu mesma, vivo com o rim atrofiado desde que nasci e nem sabia que tinha o rim atrofiado. Sabia que eu inchava e não sabia por que. E, de repente, foi descoberto que eu tinha rim atrofiado e eu me chateava. Um dia estava gorda, outro dia estava magra. Eu me chateava com aquilo. Aí um dia eu fui num retiro, lá no Maranhão mesmo [onde a informante se integrou ao Movimento Carismático]. E, neste retiro, havia momentos de cura. Aí me ensinaram como conviver com aquela situação sem que aquilo me perturbasse. E, a partir daí, começou toda a minha vida, por assim dizer, de aceitar [...]. Eu estou vivendo um drama dentro da minha família com minha filha que, se fosse em outros tempos, eu estava me descabelando. Mas aí, naquele momento que vem aquela angústia que quer me deprimir, eu lembro: ‘Não, isso passa. Isso são coisas da vida que vão passar. Isso é natural que aconteça. Eu não sou a primeira, nem vou ser a última’. Aí eu já encaro aquilo com naturalidade. Porque se eu não tivesse Deus para me orientar, [ficava] derrotada por muito pouco. Não saberia nem como ajudar minha filha. Então, isso são graças de Deus, são revelações de

Deus, é o toque Dele na vida do homem, que é inexplicável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto, este trabalho foi concebido com base no estranhamento em relação ao leigo carismático, comparado com o leigo do catolicismo popular brasileiro, que tenho estudado mais longamente. É evidente que a atitude participativa do leigo carismático, em contraste com a do católico popular, é também comum a outros leigos que participam de diferentes movimentos da Igreja Católica, e que se comportam de acordo com o que é esperado para a categoria de “católicos praticantes” a que pertencem, ao contrário da categoria conhecida às vezes como “católicos só de nome” ou “católicos sociais”. Também é evidente que, em vários pontos, o leigo carismático, como qualquer outro leigo católico, incorporou elementos de maior ou menor aproximação com o leigo do catolicismo popular.

Este artigo não pretende ser conclusivo sobre o assunto, mas procura, com os dados que foi possível obter, traçar um perfil, pelo menos aproximado, do leigo carismático. Para isso, além dos dados resultantes da observação feita por mim e pelos estudantes que participaram da pesquisa, foram utilizadas principalmente as entrevistas gravadas, em diferentes momentos, com leigos (na maioria) e sacerdotes (apenas dois) ligados à RCC. Nestas considerações finais, tento sublinhar apenas alguns aspectos, que considero mais relevantes, do que já foi colocado.

Um aspecto saliente, a ser destacado, diz respeito à “conversão” ao movimento carismático que, em vários casos, resultou de um processo traumático, envolvendo muito sofrimento psicológico, ao lado da cura de doenças - entre as quais o alcoolismo -, além de diferentes enfermidades físicas, desavenças familiares, desajustamentos etc. Nesse sentido, a adesão à RCC representou, para muitos, um processo de *cura*, cuja eficácia, no entanto, não pode ser interpretada de forma literal. Isso fica evidente nos dois últimos depoimentos transcritos, especialmente no de dona Elza. Como acontece em outros processos de conversão e/ou de cura nas religiões e práticas médicas populares, nem sempre ocorre,

de fato, a cura física do enfermo, mas a sua integração em um novo sistema de relações sociais, que desempenha um papel fundamental para a solução ou o alívio de seus problemas psíquicos (“espirituais”).

O leigo carismático participa vivamente nas atividades de culto, que significam sobretudo as reuniões semanais dos grupos de oração, com a finalidade de louvar a Deus por meio da oração e do canto, o que é feito de maneira expressiva, alegre, envolvendo um gestual muito conspícuo e, muitas vezes, a dança. O ritual apela fortemente para o sentimento e a emoção, mas também está presente a reflexão, que sempre se faz sobre a “palavra”, na ocasião adequada em que o Evangelho é lido e meditado. Além disso, as atividades de culto incluem a participação nas celebrações da missa (entre elas a chamada “missa de cura” ou “da bênção”), nos retiros, seminários, cenáculos e outros rituais comunitários. Não está ausente a participação em atividades do catolicismo tradicional, como novenas, festas religiosas populares, de padroeiros ou não, procissões etc., embora isto não caracterize enquanto tal a atividade de culto do leigo carismático.

Durante essas atividades, sobretudo naquelas mais específicas da Renovação, como reuniões dos grupos de oração, cenáculos, encontros de massa a propósito da pregação de um orador famoso, é que ocorre com mais frequência o exercício dos dons do Espírito Santo, como o falar em línguas, o dom de profecia, de interpretação, de cura etc. No entanto, o exercício do dom de cura acontece, também, durante as visitas aos enfermos, nos hospitais, em residências ou em outros locais.

As atividades dos leigos carismáticos de modo nenhum - na visão dos próprios carismáticos - resumem-se em “rezar e cantar”, como dizem injustamente seus críticos. Segundo os depoimentos colhidos, eles participam ativamente das pastorais de suas paróquias, além de se engajarem em atividades assistencialistas, como a distribuição de sopa aos mendigos. E, embora, de modo geral, não exista uma visão mais profunda do engajamento social, alguns participantes do movimento, como ficou claro pelos seus depoimentos, não deixam de entender e mesmo desejar uma atuação social de maior alcance, mesmo que neles predomine uma visão conformista quanto à realidade social. Há, por outro lado, uma forte crítica à atuação política de membros da Igreja, sobretudo de sacerdotes que, “esquecendo-se” de seu ministério específico, atuam, segundo esses críticos, como se não fossem padres,

mas líderes sindicais, políticos profissionais etc. Os depoimentos colocam, claramente, que não é isso que os leigos carismáticos - nem o povo católico em geral - desejam do comportamento dos padres. Nem é essa, segundo eles, a função da própria Igreja Católica<sup>16</sup>.

Cabe também, neste momento, relativizar um pouco a questão da coerência do leigo carismático - coerência entre a doutrina e a prática concreta -, em contraste com o leigo do catolicismo popular; se bem que, de modo geral, essa coerência é bem patente. Não posso esquecer as opiniões colhidas junto a um sacerdote (Pe. Francisco), com grande responsabilidade no movimento, que não deixa de observar a inconsistência do comportamento de alguns leigos com que lida.

Dos depoimentos dos leigos carismáticos entrevistados, é possível concluir também, claramente, que sua visão é bem mais unívoca em relação à participação religiosa. Nesse sentido, é inteiramente rejeitada a atitude do leigo do catolicismo popular tradicional que transita entre ofertas religiosas diferentes, em função de suas necessidades mais imediatas (saúde, fortuna, relacionamento amoroso etc.). Existe, de modo geral, simpatia, de acordo com a atual posição da Igreja Católica, em relação ao ecumenismo, mas o mesmo não se pode dizer quanto ao "diálogo inter-religioso". Há também uma simpatia mais acentuada para com outras denominações cristãs, como as Igrejas Evangélicas, especialmente as pentecostais, embora se possa notar uma condenação às chamadas "seitas" (o que é também comum entre leigos não carismáticos mais afinados com as posições oficiais da Igreja), expressão que se refere geralmente a algumas denominações do neopentecostalismo, sobretudo a IURD.

Entretanto, a maior rejeição se dirige aos cultos extáticos ou mediúnicos, que lidam com incorporação por espíritos e outras entidades sobrenaturais, como o espiritismo kardecista, a umbanda, o candomblé e outros. Esses cultos tendem a ser vistos como demoníacos. Por outro lado, as pessoas que são tomadas por essas entidades - caboclos, orixás, encantados, espíritos etc. - devem ser vistas, segundo os depoimentos colhidos entre os carismáticos, com amor e compaixão e tratadas espiritualmente para que possam libertar-se desse domínio considerado por eles como maléfico.

## NOTAS

- 1 Os nomes, por razões éticas, são fictícios, com uma única exceção, que surgirá a seguir. Ao lado deles, quando aparecem pela primeira vez, apresento alguma informação relevante sobre o personagem ou informante.
- 2 Essa era a situação vigente até a época da entrevista, realizada em 8/9/97. Posteriormente, Antônio mudou-se para uma casa, localizada num conjunto afastado do centro de Belém. Por causa disso e de outros fatores, essa rotina sofreu algumas mudanças, que não são referidas neste artigo.
- 3 Essa expressão é usada com frequência pelos informantes. Claro que não ocorre, na maioria dos casos, o fenômeno da passagem de uma religião para outra. Geralmente, trata-se de católicos tradicionais, não praticantes, que ingressam na RCC. Mas, o processo está de acordo com a definição dicionarizada do termo "conversão": "o ato de passar dum *grupo religioso para outro*, duma para outra seita ou religião" (cf. Aurélio Eletrônico; meu grifo, RHM).
- 4 Desejo agradecer, especialmente, aos então bolsistas de iniciação que começaram a me ajudar, desde 1997, ambos atualmente mestres em antropologia, Maurício Rodrigues de Souza (cursando o doutorado) e Marinéa do Socorro C. Santos (professora substituta da Universidade do Estado do Pará/UEPA), cuja contribuição, por alguns anos, foi inestimável para a pesquisa que coordenei sobre o movimento carismático em Belém.
- 5 Decerto, essas afirmações podem admitir algum matiz. Por exemplo, entre meus informantes, em pesquisa anterior, cheguei a encontrar um pajé que fazia referências corretas à Bíblia, o que não significava necessariamente um interesse pelos estudos bíblicos.
- 6 A notícia era certamente sensacionalista. Embora não tenha apurado integralmente o fato, devo lembrar, no entanto, que, em seu documento intitulado "Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica", a CNBB, depois de frisar bastante a importância do papel do Espírito Santo na vida da Igreja, faz várias recomendações aos membros da RCC, das quais destaco as seguintes, nem todas do agrado dos carismáticos. Sobre a Liturgia e a celebração da Missa: "Não se introduzam elementos estranhos à tradição litúrgica da Igreja [...]. Não [se saliente] de modo inadequado as palavras da Instituição, nem se interrompa a Oração Eucarística para momentos de louvor a Cristo [...] com aplausos, vivas, procissões, hinos de louvor [...] e outras manifestações que exaltem de tal maneira o sentido da presença real que acabem esvaziando as várias dimensões da celebração eucarística". Sobre o "batismo no Espírito": "A palavra 'Batismo' significa tradicionalmente o sacramento da iniciação cristã. Por isso, será melhor evitar o uso da

expressão *'Batismo no Espírito'* [destaque no original], ambígua, por sugerir uma espécie de sacramento. Poderão ser usados termos como 'efusão do Espírito Santo', 'derramamento do Espírito Santo' [...]. Sobre o dom de cura: "Ao implorar a cura [...], não se adote qualquer atitude que possa resvalar para um espírito milagreiro e mágico, estranho à prática da Igreja Católica [...]". Sobre a glossolalia ou "oração em línguas": "O apóstolo Paulo ensina: 'Numa assembléia prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência para instruir também os outros, a dizer dez mil palavras em línguas' (1 Cor: 14, 19). Como é difícil discernir, na prática, entre inspiração do Espírito Santo e os apelos do animador do grupo reunido, não se incentive a chamada oração em línguas e nunca se fale em línguas sem que haja intérprete". Sobre o "repouso no Espírito": "Em Assembléias, grupos de oração, retiros e outras reuniões, evite-se a prática do assim chamado "repouso no Espírito". Essa prática exige maior aprofundamento, estudo e discernimento" (cf. CNBB, 1994).

- 7 Elza de Oliveira Filho. Neste caso, por se tratar de pessoa que exerce uma função de natureza pública e bem conhecida no movimento, está sendo usado o seu nome verdadeiro.
- 8 Essa capela surgiu em Belém, na década de 50 de nosso século, a partir de um fenômeno muito noticiado pela imprensa e que causou grande comoção entre os católicos: a imagem de N. S. das Graças, pertencente a uma senhora chamada Dona Zenóbia, que "chorava". Temos informação de que D. Zenóbia ainda é viva, mas não foi possível fazer qualquer contato com ela.
- 9 De fato, nunca pude observar que se rezasse novamente o terço durante as reuniões; mas é comum a invocação de Nossa Senhora por meio dos cânticos e das orações.
- 10 Para uma descrição minuciosa desse tipo de cerimônia, observada pelo autor em São Paulo, cf. Prandi (1997).
- 11 Para uma descrição e análise desse importante evento, cf. Maués (2002).
- 12 Sobre a interpretação, ver o que está na nota 5. Quanto ao dom da profecia, diz a CNBB, em dois de seus documentos. No primeiro: "Na Bíblia, profeta é o que fala em nome de Deus. Significa, pois, um evangelizador. É a comunicação de assuntos espirituais aos participantes de reuniões comunitárias, aos quais se dirigem palavras de exortação e encorajamento [...]. É um dom para o bem da comunidade e não tem em vista adivinhações futuras. Haja grande discernimento quanto ao dom da profecia, eliminando qualquer dependência mágica e até supersticiosa" (CNBB, 1994). E, no segundo: "[...] Todo profeta acentua a tensão escatológica e não tanto a previsão de coisas futuras [...]. Isto distingue a verdadeira profecia do delírio

pseudoprofético que suprime o uso da razão. Nada, pois, de adivinhações futuras, nada de magia ou superstição, mas grande docilidade à ação do Espírito Santo, grande equilíbrio. Mais do que do anúncio do futuro, trata-se do anúncio da palavra de Deus, e da memória de sua aliança com o seu povo" (CNBB, 1998a).

- 13 Numa pesquisa junto à Igreja do Evangelho Quadrangular, em Belém, que resultou em sua dissertação, defendida no Mestrado em Antropologia da UFPA, Rosa Marga Rothe constatou que os pentecostais não costumam identificar-se com o protestantismo e não manifestam, normalmente, qualquer identidade com a Reforma. Esta identificação só acontece em casos raros, de pessoas com formação universitária, que já estudaram a história da Reforma e às vezes desejam que, em suas Igrejas, seja considerada essa tradição. Esses pentecostais se identificam e desejam ser identificados como "evangélicos", "pentecostais", "crentes" ou pela denominação que caracteriza a Igreja a que pertencem: "quadrangulares", no caso do grupo por ela pesquisado (cf. ROTHE, 1998).
- 14 Vale lembrar que essa categoria usada pelo informante ("liberta"), para se referir à RCC, em oposição aos evangélicos – neste caso, talvez por se tratar de um leigo com muita vivência de Igreja, ele não usa a expressão "protestante" –, é a mesma que encontrei no interior do Pará, entre populações rurais e de origem rural da região do Salgado, para fazer a diferença do catolicismo com o "protestantismo": o primeiro é uma religião "liberta", enquanto o segundo é uma religião "privada", isto é, cheia de restrições e proibições (cf. MAUÉS, 1995, p. 168-169).
- 15 Note-se que, apesar de estar condenando o espiritismo, a informante interiorizou e está utilizando uma concepção que também se encontra no kardecismo.
- 16 Não obstante, o citado documento da CNBB sobre os leigos e leigas católicos enfatiza bastante a necessidade de um engajamento mais profundo da parte dos leigos na realidade social (cf. CNBB, 1998b).

## REFERÊNCIAS

ASSEMBLÉIA GERAL DA CNBB, 36, 1998, Itaiçá. *A Teologia do Espírito Santo e os carismas*. Itaiçá: CNBB, 1998a.

\_\_\_\_\_. *Missão e ministérios dos leigos e leigas cristãos*. Itaiçá: CNBB, 1998 b.

- BARROS JUNIOR, F. de O. *Queremos Deus na Aldeia-Aldeota: a RCC na Arquidiocese de Fortaleza*. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.
- CARRANZA, B. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Santuário, 2000.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*, 1994. Disponível em: <[http://www.cnbb.org.br/documento\\_geral/LIVRO%2053-.pdf](http://www.cnbb.org.br/documento_geral/LIVRO%2053-.pdf)>. Acesso em: 6 maio 2005.
- FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-159.
- LEWIS, I. M. *Êxtase religioso: um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MACHADO, M. das D. C. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: ANPOCS, 1996.
- MACHADO, M. das D. C.; MARIZ, C. L. Mulheres e prática religiosa nas camadas populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 34, n. 12, p. 71-87, 1997.
- MARIZ, C.; MACHADO, M. D. C. Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais. *Comunicações do ISEER*. Rio de Janeiro, v. 40, n. 13, p. 24-34, 1994.
- MAUÉS, R. H. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico*. Belém: CEJUP, 1995.
- \_\_\_\_\_. Catolicismo e xamanismo: comparação entre a cura no movimento carismático e na pajelança rural amazônica. *Ilha, Revista de Antropologia*. Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 51-77, 2002b.
- \_\_\_\_\_. Mudando de vida: a conversão ao pentecostalismo católico. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 37-64, 2002a.
- NICOLAU, R. F. *O caminho da fé: um estudo da conversão religiosa ao pentecostalismo e suas implicações na vida do sujeito*. 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, 1997.

- PRANDI, R. *Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- RIBEIRO DE OLIVEIRA, P. A. et al. *Renovação Carismática Católica: uma análise sociológica, interpretações teológicas*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Religião e dominação de classes: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ROTHE, R. M. *Pentecostais, protestantes? Um estudo na Igreja do Evangelho Quadrangular em Belém*. 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, 1998.